



Educação & Sociedade

ISSN: 0101-7330

revista@cedes.unicamp.br

Centro de Estudos Educação e Sociedade
Brasil

Pelbart, Peter Pál

SOLIDÃO, FASCISMO E LITERALIDADE

Educação & Sociedade, vol. 26, núm. 93, septiembre-diciembre, 2005, pp. 1323-1329

Centro de Estudos Educação e Sociedade

Campinas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87313713013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

SOLIDÃO, FASCISMO E LITERALIDADE

PETER PÁL PELBART*

RESUMO: Discuto algumas questões levantadas por François Zourabichvili em “Deleuze e a questão da literalidade”, publicado neste mesmo dossiê. Pergunto, primeiramente, por possíveis equivalências entre a literalidade e a potência do falso que Nietzsche apresenta já em “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”. Em segundo lugar, pergunto em que medida um exercício filosófico da literalidade nos libera de uma assertividade e de uma greguidade crescentes. Em terceiro lugar, pergunto: “O que numa aula é a face atual, e qual é a face virtual?”, ou, em outros termos, “qual é a relação entre a pedagogia interna à filosofia e a pedagogia não-filosófica?”. Finalmente, pergunto se devemos tomar literalmente a tese de Zourabichvili de que todos os que falam de ontologia a propósito de Deleuze ou cometem um contra-senso completo ou não sabem o que significa ontologia.

Palavras-chave: Literalidade. Virtual. Potência do falso. Ontologia.

SOLITUDE, FASCISM AND LITERALITY

ABSTRACT: I discuss some of the questions raised by François Zourabichvili in his “Deleuze and the question of literality”, also in this collection. I thus ask three questions: 1) Can we find equivalences between the notion of “literality” and the idea of “power of the false” which Nietzsche develops earlier in his “On Truth and Lie in an Extra-Moral Sense”? 2) To what extent would a philosophical exercise of literality liberate us from increasing assertiveness and gregariousness? 3) In a class, what would be the actual face and what would be the virtual one? In other words, what is the relationship between a pedagogy internal to philosophy and a non-philosophical pedagogy? I Finally ask whether we should take literally the thesis of Zourabichvili

* Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: ppelbart@uol.com.br

that whoever mentions the notion of ontology when talking about the work of Deleuze either talks utter nonsense or does not know what ontology means.

Key words: Literality. Virtual. Power of the false. Ontology.

Solidão

É com certo constrangimento que participo de mais um colóquio em torno de Deleuze. É conhecida a ojeriza que tinha o filósofo do acontecimento por colóquios e conferências, e, mais em geral, pelos encontros entre intelectuais, nessa interminável falação sobre tudo e qualquer coisa. Mais de uma vez ele se manifestou a respeito, denunciando o caráter artificial desse formato, a dimensão ignóbil do circo e da sedução. Em contrapartida, Deleuze faz o elogio da aula, com seu tempo dilatado, sua continuidade, permitindo que se ponha uma *matéria em movimento*... Curiosa maneira de conceber o desafio do ensino, não se trata de transmitir uma informação, ou uma técnica de análise, mas de trabalhar uma matéria em movimento – a matéria-pensamento. Basta assistir à entrevista televisiva concedida a Claire Parnet, intitulada *L'abécédaire* (Deleuze & Parnet, 2001), para constatar a liberdade com que Deleuze concebe a relação entre o aluno e essa *matéria em movimento*, quando discorre sobre a letra P, de “professor”. Nem todos querem toda essa matéria, cada um pode precisar de apenas um pedaço, segundo a sua necessidade, a sua singularidade... O que significa que até o sono pode fazer parte desse dispositivo: há alunos que dormem por anos a fio, mas despertam naquela hora em que chega tal conceito de que necessitam, e que para eles funciona como um despertador. Magnífico desprendimento do mestre, que não exige a atenção continuada e exaustiva, porém uma atenção quase flutuante. Não se trata de capturar, suscitar a adesão, persuadir, fazer discípulos ou escolas, mas o inverso: reconciliar o aluno com sua solidão. Essa frase deveria ser meditada por nós, deleuzeanos... Afinal, apenas certa modalidade de solidão permite que se prescindia das escolas para esposar o movimento, abrindo-nos para os povoamentos inusitados, para os encontros imprevistos, com cores, sons, velocidades, intensidades... Não uma escola, mas um movimento, não a falação, mas o encontro, não necessariamente o encontro com intelectuais (a “cultura”), mas com coisas, obras, idéias, afectos, intensidades. Um deserto atravessado por tribos. Há uma estranha conjunção entre por um lado essa

solidão reivindicada, tanto para si quanto para os alunos, e por outro a idéia de encontro não-pessoal, não-intersubjetivo – solidão solidária. Algo muito próximo de Nietzsche, na sua aristocrática exigência de solidão e na sua recusa de seguidores, e ao mesmo tempo a maneira como era povoado e atravessado pela mais multifacetada galeria de personagens.

Fascismo

Isso tudo me parece simples como um ovo e, no entanto, a cada dia mais urgente, sobretudo num momento em que divisões binárias redesenham não só a geopolítica planetária, mas também a do pensamento, em que nos vemos impelidos a tomar partido no campo do bem ou do mal, da verdade ou da mentira, da dita democracia ou do dito terrorismo... Mas também entre nós, intelectuais de sensibilidade alternativa, cresce a tentação de reafirmar palavras de ordem, e subrepticamente deslizamos nos cacoetes que Roland Barthes denunciava como sendo os dois maiores perigos intrínsecos à linguagem, a *assertividade* e a *gregariedade*. A linguagem, lembra ele, não é reacionária nem progressista, ela é simplesmente fascista: ela nos obriga a dizer certas coisas, a ocupar certos lugares, posições – homem-mulher, mestre-aluno, branco-negro, direita-esquerda etc. Como driblar os sentidos impostos, os lugares prévios, como introduzir a hesitação, a indecisão, os estados de suspensão? Como sustentar um discurso, pergunta ele, sem impô-lo? Como fazer do próprio ensino um exercício de desaprendizagem? Em sua aula inaugural no Collège de France, publicado posteriormente sob o título de *Aula*, Barthes escreve: “Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de *desaprender*, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos” (Barthes, 1999).

Bem, essas evocações muito esparsas foram as que me ocorreram imediatamente após o Primer Encuentro Latinoamericano de Esquizoanálisis, realizado neste ano em Montevideu, em que a assertividade e a gregariedade se aliaram num insólito fundamentalismo esquizoanalítico... Naquele momento, coincidentemente, fui convidado a participar do presente colóquio. Sem nenhuma elaboração teórica específica no campo da educação, que não é “minha praia”, pensei que poderia trazer para cá es-

sas reflexões, quiçá elas servissem também para repensar nossos modos de agrupamento e as pedagogias teóricas aí embutidas, e a própria idéia de escola. No entanto, alguns dias depois, constatando a configuração final dessa mesa, descobri meu papel de mediador, e soube que minha função era outra – a de reagir ao texto do François Zourabichvili intitulado “Deleuze e a questão da literalidade”. Detesto essa função. Sempre que me pedem para fazer perguntas eu viro um idiota e faço perguntas idiotas. Felizmente, vários amigos aqui presentes poderão compensar essa insuficiência. Em todo caso, já era tarde para fugir da raia – e resolvi tomar o desafio da única maneira possível, enganchando-o com as inquietações referidas anteriormente.

Reações

Ao ler o texto do François pela primeira vez, muito rapidamente, achei uma honra poder apreciar publicamente um pensamento tão agudo e perspicaz, mas também tão decepcionante. Eu me explico, e não se pense que cometo uma grosseria com nosso convidado que atravessou o Atlântico para estar conosco. O François tem a virtude, entre muitas outras, de não dizer o que se espera dele, e de dizer o que não se espera – ou seja, de decepcionar, de trair a expectativa. Já foi assim no Colóquio Gilles Deleuze, realizado no Brasil em 1996, em que ele nos trouxe uma reflexão agudíssima sobre o involuntário na política, num texto publicado depois em *Gilles Deleuze: uma vida filosófica* (Alliez, 2000), que nos serviu enormemente, embora contrariasse um voluntarismo atávico em muitos de nós... Lembro que, ao final de sua intervenção impactante, perguntaram-lhe se aquilo poderia ser entendido como um manifesto contra o pensamento pós-moderno (ou o contrário, já não recordo), e ele respondeu secamente, com a simplicidade que lhe é peculiar, “não”... Aquela resposta significava talvez o seguinte: não era o caso de transformar sua reflexão num manifesto, numa bandeira, numa “posição”... Do mesmo modo, mais recentemente, numa entrevista (Zourabichvili, 2002), marcou de maneira luminosa as diferenças entre Negri e Deleuze, dizendo ser uma sorte e uma alegria ter dois pensamentos em vez de apenas um, e desfazendo um amálgama crescente, que corre o risco de diluir a força das duas perspectivas...

Nisso tudo ele é inteiramente fiel a Deleuze, que jamais teve a preocupação de agradar, de responder à expectativa dominante, de estar na

onda, permanecendo ingenuamente fiel à força do conceito. Quantas vezes suas intervenções pareciam enigmáticas, à contracorrente, focando um tópico que parecia insignificante ou lateral, e a partir dali já todo o problema aparecia de outra maneira... É o que me ocorre com esse texto enigmático ainda para mim, que acabei de ler decentemente só hoje de manhã e no qual não tive tempo suficiente para meditar. Em todo caso, tive a surpresa, numa segunda leitura, de ver aqui posto em xeque aquilo que há de mais imperativo na prática da filosofia, e por extensão da linguagem, sem a qual nem sequer se pode começar a pensar a educação. Resta-me retomar um ou outro desses aspectos expostos pelo François, para relançá-los em direção a nossa problemática, deixando de lado, por ora, o que está subjacente ao texto, ou seja, todo um confronto com a fenomenologia, mais ainda com a filosofia analítica, para não dizer com uma tradição que remonta a Aristóteles.

Literalidade

Admitamos que pensar é aprender, já que pensar é estar às voltas com o heterogêneo, e está condicionado a essa relação. Admitamos também que certa tradição nos habituou à idéia contrária, fazendo do conhecimento um reconhecimento, em que cada termo deve ser remetido a seu domínio próprio, como se houvesse uma distribuição correta das peças da linguagem no tabuleiro dos saberes, que nos caberia respeitar – sob pena de cairmos num sentido figurado, na metáfora, na ficção, ou simplesmente no disparate. Tal injunção, como a regra de um jogo, formata nossa experiência e domestica nosso pensamento, determina nossas repugnâncias e canaliza nossos desejos, nossa circulação, nossas conexões, nossos afetos. Assim, quando termos de esferas heterogêneas são postos em relação, segundo a conjunção “E”, tais como os exemplos elencados por François, usina *e* inconsciente, grama *e* cérebro, há um curto circuito na distribuição dos domínios, das disciplinas, dos gêneros, das categorias, bem como dos planos de existência. Com isso, liberam-se novos sentidos. A literalidade que François nos convida a detectar em Deleuze, a partir dessas conjunções, é a condição de possibilidade da experiência singular, das conexões de sentido, da visão no sentido forte do termo, ali onde o atual e o virtual entram em coalescência, liberando o pensamento da subordinação à reconhecimento, e abrindo-o para uma experimentação outra, um exercício livre de figuração... Pois bem, embora cada

uma dessas palavras merecesse ser problematizada, aqui vou me ater a quatro perguntas, apenas para deflagrar o debate.

- 1- Como você situaria essa concepção com relação à teoria nietzscheana da linguagem como um “batalhão móvel de metáforas”, exposta já no texto “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral” (em *Os Pensadores*), com toda a seqüência de transposições ali referidas, da excitação nervosa para a imagem sonora, por fim para o conceito, ou seja, o conceito como uma metáfora que esqueceu e ocultou sua dimensão metafórica? Você veria na própria concepção da escrita filosófica de Nietzsche esse livre trabalho de figuração ao qual você se refere no final de seu texto? Haveria alguma equivalência entre a literalidade e a potência do falso? Ou a potência do falso ainda permaneceria enclausurada no interior de uma divisão do próprio e do figurado, sem atingir a instância da relação como uma condição da experiência, como um transcendental?
- 2- Para reatar com um ponto que levantei anteriormente. Em que medida você considera que uma tal prática da linguagem, um tal exercício filosófico da literalidade nos libera de uma assertividade e de uma gregariedade crescentes? Talvez os procedimentos literários que Barthes evoca para mostrar como trapacear a vocação fascista da linguagem sejam mais da ordem da *suspensão* do sentido que da *produção* do sentido. Deleuze privilegia as núpcias contranatura, a partícula “E”, os hibridismos, ou, mais radicalmente, as sínteses disjuntivas... Você consideraria que a literalidade em filosofia é um procedimento anti-fundacionista e, por extensão, antifundamentalista?
- 3- A relação entre o virtual e o atual é uma das chaves do pensamento de Deleuze, e das mais enigmáticas, estranhas e atraentes, para utilizar os termos do seu texto. Você faz uma maravilhosa referência à literatura, tentando mostrar como para Deleuze *Moby Dick* nem simboliza outra coisa além dela mesma, numa leitura metafórica ou simbólica, nem é apenas uma história de caça à baleia que desanda por causa de um capitão maluco – nem sentido figurado, nem sentido próprio. A ficção é uma experimentação ativa, a exploração de pontos sensíveis da vida, ela não é o contrário da realidade, mas a face atual das

intensidades percorridas. O par próprio-figurado cede o passo ao par atual/virtual. Isto é luminoso... Será que poderíamos utilizar isso para se pensar a matéria em movimento referida por Deleuze quando fala de uma aula? O que numa aula é a face atual, e qual é a face virtual? Ou em outros termos: como você vê a relação entre a pedagogia interna à filosofia e a pedagogia não-filosófica?

- 4- Eu lhe pediria um pequeno esclarecimento sobre uma das frases mais provocativas de seu texto – e sabendo que eu me dirijo a um especialista em Deleuze e em Spinoza, fico mais tranquilo. Você diz: Assim, todos que falam de ontologia a propósito de Deleuze cometem um contra-senso completo, ou não sabem o que significa ontologia. Saiu na França há pouco um livro volumoso sobre a ontologia de Deleuze... Sua observação, para ficar no campo semântico proposto por você, é literal? E em que sentido?

Do fundo de minha incompetência, é como consegui preencher a função honrosa porém ingrata que me foi atribuída. Eu quero agradecer imensamente ao François pela paciência com este esdrúxulo zig-zague em torno de seu belo texto.

Recebido em maio de 2005 e aprovado em julho de 2005.

Referências bibliográficas

ALLIEZ, E. (Org.). *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1999.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Labécédair*e. Paris: Éditions Montparnasse, 2001.

ZOURABICHVILI, F. Les deux pensées de Deleuze et de Negri: une richesse et une chance. *Multitudes*, Paris: Exils, n. 9, jun./mai. 2002. Entretien avec Yoshihiko Ichida.